

Estrutural se dobra ao cerco da PM

31 JUL 1997

Foram retirados 15 mil pneus de depósitos. Comércio ilegal será reprimido e cerca restringe entrada

NELZA CRISTINA

O cerco aos moradores da invasão da Estrutural continua. Ontem pela manhã foi iniciada uma operação para retirada de 15 mil pneus armazenados em três depósitos e espera-se, para os próximos dias, ações de repressão ao comércio ilegal na área. Prossegue, ainda, a construção de uma cerca que isolará toda a invasão, deixando apenas duas entradas que serão controladas pela administração militar.

Entre os moradores, o clima é de incerteza e tensão. Eles reclamam das ações surpresa e alguns até já se antecipam às medidas do governo, fechando estabelecimentos comerciais, como madeireiras e bares. Uma das primeiras a se prevenir foi a vice-presidente da Associação dos Moradores da Invasão da Estrutural (Asmoes), Marlene Mendes, que transformou sua madeireira em uma igreja evangélica. "Fui obrigada a recuar para ajudar os outros comerciantes, que são pais de família", disse Marlene.

Comércio - O administrador militar, major PM Wolney Rodrigues da Silva, confirma, sem antecipar a data, que serão desenvolvidas ações de combate ao comércio ilegal, mas diz aguardar uma decisão da secretaria de Fazenda do DF, a quem deverá dar apoio. Segundo ele, dependendo dos critérios e aspectos tributários definidos pela secretaria poderão ser apreendidos e coibidos todos os tipos de comércio,

de madeireiras a material de construção (pedras e tijolos), até bebidas.

A construção da cerca em torno da invasão prossegue e já começam a ser preparados os primeiros buracos para estacas próximas à entrada principal da invasão. De acordo com o major, o trabalho é lento, mas a idéia é, além de separar a invasão da área destinada ao Setor Complementar de Indústria e Abastecimento (SCIA), ter um controle de acesso à invasão. Serão mantidas apenas duas entradas: uma pela via Estrutural e outra nos fundos da invasão, no limite com o Parque Nacional. Wolney Rodrigues conta que serão construídas guaritas para controlar a entrada e saída de mercadorias e veículos.

Protestos - Segundo o administrador militar, major PM Wolney Rodrigues da Silva, os pneus estão sendo retirados da invasão em ação conjunta com a Secretaria de Saúde e o Serviço de Limpeza Urbana (SLU) para evitar a disseminação do mosquito transmissor da dengue e a sua utilização como barricada em protestos. Em várias ocasiões, os pneus foram queimados e usados no fechamento do trânsito na via Estrutural.

A ação, que transcorreu com tranquilidade, teve o suporte de 15 funcionários da Novacap, cinco do SLU e de 40 policiais militares. Apesar de feitas cerca de 30 viagens pelos caminhões lotados não foi possível liberar nem mesmo um dos três depósitos, devendo a operação prosseguir hoje.

Invasão vive dias de tensão e medo

Os moradores da invasão da Estrutural estão divididos. Uma simples conversa no meio da rua pode originar uma discussão sem fim entre os que defendem a transferência para uma área legalizada e os que preferem e insistem em permanecer no local, apesar de reclamarem que a área está se transformando em um campo de concentração.

Todos concordam, porém em um ponto: não suportam mais o clima de incerteza e o cerco que se fecha a cada dia. "Meus meninos vão assustados para a escola sem saber se encontrarão a gente na volta", reclama Maria Silvana Pereira, mãe de quatro filhos.

Dona de um armário e papelaria, ela se prepara para futuras ações do GDF, guardando grande parte das mercadorias que vende para evitar uma pos-

sível apreensão. "Todo mundo está com medo", diz ela, que, no entanto, não pretende reagir caso seja obrigada a sair do local. "Eu só peço que parem de derrubar e venham negociar com quem quer sair, como eu", disse ela.

Reação - Mas este não parece ser o sentimento da maioria. Como ressaltou Maria José Magalhães Sousa, muitos moradores entendem que não são invasores, uma vez que foram colocados na área pelo próprio GDF. "Nós não concordamos em sair daqui. O povo vai reagir, com certeza", alertou.

Marlene Mendes, vice-presidente da Associação dos Moradores da Estrutural (Asmoes), confirma. "Não adianta pedir calma para ninguém. Muitos não querem me ouvir", disse ela. (NC)